

**MÉRCIO, Jary. Pichação já se tornou uma epidemia social: cada vez mais ousados, pichadores contribuem para aumentar a poluição visual da região central e dos bairros de Campinas. Correio Popular, Campinas, 16 mar. 2003.**

JARY **MÉRCIO**

Especial para o Correio  
jary@cpopular.com.br

**N**uma fria noite do Inverno de 2001, um jovem munido de um tubo spray de tinta galgou a torre de iluminação do teatro de arena do Centro de Convivência Cultural (CCC) de Campinas e, equilibrando-se só-Deus-sabe-como na estreita laje de concreto, cravou sua marca no ponto mais extremo daquela espécie de obelisco diagonal, um dos cartões postais da cidade e, sem dúvida, o Everest dos praticantes locais do odiado (exceto entre seus praticantes, é óbvio) esporte da pichação. Odiado com razão, diga-se, uma vez que, muito longe de trazer alguma improvável medalha de brilho olímpico para Campinas, transformou a cidade, nos últimos dez anos, numa das mais poluídas visualmente do País, onde as garatujas e rabiscos feitos com spray e rolo de pintar ocupam cada milímetro de parede e muro do Centro e dos bairros centrais da cidade.

Por sua intrépida escalada que culminou num tiro de misericórdia no patrimônio público municipal – ou, pelo menos, num de seus monumentos mais representativos –, à parte ter sido uma escarnekadora gargalhada nos ouvidos da Guarda Municipal (GM, responsável por proteger os próprios públicos) e da Polícia Militar – que mantém uma base no Cambuí a alguns metros do “local da ocorrência”, Case saiu do anonimato ao qual estaria relegado para todo o sempre – por ser apenas mais um em milhões de jovens sem acesso a educação de qualidade e a bens culturais – para tornar-se uma unanimidade entre os pichadores da cidade, um verdadeiro herói para os garotos sem horizonte da periferia (alguns nem tão garotos nem tão da periferia e nem tão sem horizontes assim, mas são exceções)

que se reúnem nas manhãs e tardes de sábado e manhãs de domingo nas escadarias do Centro de Convivência, um dos *points* da pichação em Campinas. De quebra, conta-se, Case conseguiu, de uma só vez, arranjar duas namoradas, com direito a pernoites no apartamento de uma delas – diz a lenda urbana, estudante da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) –, num dos edifícios ditos de classe alta das cercanias do CCC.

A história de Case, com o perdão do trocadilho, não é apenas um caso à parte, um relato nada edificante de um feito considerado heróico apenas por meia dúzia de gatos pingados. Pelo contrário: é a mais perfeita tradução, ao mesmo tempo, do fascínio que a pichação e seus expoentes exercem entre milhares de jovens abandonados pela sociedade à própria fúria de sua energia nem sempre construtiva, da ineficiência ou incompetência das autoridades policiais na inibição e coibição de infrações à lei, e do descaso ou incompetência do Poder Público, que não cumpre o seu papel de propor e executar políticas que abram os horizontes e elevem a auto-estima dos jovens. A estes, como sempre, resta apenas o papel que lhes foi impingido, de vilões da história. Uma história da qual, para variar, a sociedade é a eterna vítima, incapaz de qualquer outra coisa que não seja reclamar a quem parece não estar lá muito disposto a escutar.

#### EPIDEMIA

Se há razão de sobra para o ódio que a sociedade devota aos pichadores, pelo que enfeiam a cidade e pelo prejuízo que causam a empresas e famílias que não vencem pintar e repintar suas paredes e muros, a esperança é que haja, por parte da socie-

dade, uma sobra de razão para encontrar outras maneiras de lidar com a situação que, queira ou não, ela mesma criou. A pichação e os pichadores se tornaram uma epidemia social e como tal devem ser tratados.

Mas o Poder Público, tanto o municipal como o estadual, parece ou finge não ter consciência do fato. Não há ações coordenadas entre Estado e Município de combate à pichação e a Prefeitura de Campinas concentrou sua única ação na Secretaria de Cultura, com um trabalho que pretende atrair os pichadores para uma outra modalidade de intervenção no espaço público, que é a grafiteagem (*leia texto nesta página*). Fora isso, há a GM, que, encarregada de proteger os próprios públicos, atende também a ocorrências de pichação em edifícios particulares, mas isso “é fato raro”, como informa o assessor de imprensa da prefeita Izelene Tiene (PT), Bill Souza.

“O problema é que a pichação não tem hora nem local para acontecer e a GM só atende a algum caso se solicitada, o que raramente acontece, ou se, por acaso, encontra o pichador em plena ação”, diz Souza.

“Mas quando é solicitada, a GM faz sua parte”, diz o assessor da prefeita, informando que, no último sábado, um grupo de pichadores foi flagrado pela Guarda Municipal fazendo seus rabiscos na parede de uma igreja evangélica no Centro, que ocupa o prédio onde outrora funcionou o Cine Jequitibá. “Eles foram levados à delegacia, indiciados e soltos em seguida”, conta Souza.



Até agora,  
grafitagem é  
a única saída  
apresentada pelo  
Poder Público

Muro pichado em Campinas: para educadora, este é o resultado do processo de crescimento desordenado